

ILUMINISMO DE ROUSSEAU NO DESENVOLVIMENTO DA PEDAGOGIA MODERNA¹

Rousseau's enlightenment in the development of modern pedagogy

CORREIA, Ramiro²; & RODRIGUES, João Bartolomeu³

Resumo

Podemos considerar que Jean-Jacques Rousseau introduziu ideias revolucionárias na Pedagogia, especialmente com a defesa da educação natural, que na época desafiava os métodos tradicionais e, por vezes, se afastava mesmo do movimento iluminista, colocando razão e sensibilidade ao mesmo nível da educação da criança. Se pensarmos nas teorias educativas atuais, muito do que o autor defendeu é ainda válido, especialmente a ideia de que o aluno é o elemento mais importante da aula e que o pedagogo / professor deve adaptar-se às necessidades e ritmos de aprendizagem de cada um deles, para o seu bem-estar e desenvolvimento integral.

Abstract

We can consider that Jean-Jacques Rousseau introduced revolutionary ideas in Pedagogy, especially with his advocacy for natural education, which at the time challenged traditional methods and sometimes even diverged from the Enlightenment movement, placing reason and sensitivity on the same level in the education of children. If we think about current educational theories, much of what Rousseau defended is still valid, especially the idea that the student is the most important element of the classroom and that the educator/teacher should adapt to the needs and learning rhythms of each student for their well-being and integral development.

Palavras-chave: *Iluminismo; Pedagogia Moderna; Rosseau.*

Keywords: *Age of Enlightenment; Modern Pedagogy; Rousseau.*

Data de submissão: setembro 2024 | **Data de publicação:** dezembro 2024.

¹ Artigo padronizado, formatado, colocado no template e indexado pela equipa de voluntários da MUNDIS – Associação Cívica de Formação e Cultura: <https://www.mundiseventos.pt/>.

² RAMIRO CORREIA – UTAD | Mestrado em Ensino de Informática, PORTUGAL.

³ JOÃO BARTOLOMEU RODRIGUES - UTAD, PORTUGAL. Email: jbarto@utad.pt.

INTRODUÇÃO

É do conhecimento geral que o Iluminismo veio romper com as tradições autoritárias e dogmáticas que dominavam o ser humano, devido à grande influência da Igreja em todos os aspetos do quotidiano, incluindo a Educação. Defendendo os valores do racionalismo, do experimentalismo e do individualismo, este novo movimento trouxe mudanças radicais na forma de ver o Homem e, especialmente, no ramo da Pedagogia.

Vários foram os pensadores que trabalharam os ideais iluministas, pondo em prática teorias pedagógicas centradas na criança, na sua autonomia e na importância do seu desenvolvimento integral como indivíduo livre e crítico. Um desses filósofos foi Jean-Jacques Rousseau, com a sua desafiante obra *Emílio ou Da Educação*, que se centra no aluno como ser individual e natural, cuja educação deve seguir princípios ligados à exploração e à experiência prática, cortando com a rigidez da educação eclesiástica.

Assim, neste artigo, faremos uma breve descrição do Movimento Iluminista, centrando-nos na sua componente pedagógica para, depois, comprovarmos como Rousseau (apesar das lacunas e críticas que lhe são apontadas ao longo dos tempos) esteve no cerne do desenvolvimento desta nova pedagogia, acabando por influenciar algumas das tendências educativas mais modernas.

A pedagogia de Rousseau no contexto setecentista:

Retomando os aspetos apontados na introdução, podemos definir o Iluminismo como um movimento intelectual e político do século XVIII, que veio romper com as tradições autoritárias e dogmáticas da Igreja, para defender a Razão, a Ciência e a importância da liberdade e igualdade entre indivíduos. (Silva, 2018).

Nasceu do espírito revolucionário francês, que colocava o Homem no centro de todas as preocupações, especialmente em termos pedagógicos: para que cada um pudesse ser um cidadão moderno, livre, consciente e crítico, a sua educação teria de ser também ela revolucionária. Segundo Silva (2018, p.3) “o Homem é o produto do meio em que vive, da sociedade e da educação”, por isso, toda a sua formação deveria ter por base a racionalidade e o saber de experiência feito.

Contudo, olhando para a educação em França, no início do século XVIII, podemos considerá-la longe do “florescimento cultural” de outros países. (Abbagnano, 1981, p. 461). A verdade é que a escola continua a ser apenas para os privilegiados, os filhos ricos da burguesia e dos nobres que se perpetuavam no poder. Nas universidades, ainda se apostava no ensino dogmático, do *magister dixit*. Apesar da Assembleia de França querer revolucionar a educação desde as suas fundações, não parecia fácil acabar com séculos de domínio da Igreja. Mas, as mudanças começaram a surgir, em parte devido à expulsão dos jesuitas e muito graças à ação de pensadores como Rousseau. (Silva, 2018).

De origem helvética, Jean-Jacques Rousseau viveu quase toda a sua vida em França, desenvolvendo aí o seu trabalho de filósofo, escritor e pedagogo. Foram vários os prémios que recebeu em Academias Francesas, pela forma eloquente com que discursava, mas também pelas temáticas polémicas que defendia, afastando-se por vezes dos ideais iluministas. Valeram-lhe o título de pensador mais radical da época as críticas à sociedade burguesa e a defesa da justiça, igualdade e soberania do povo. (Santos, 2013).

Rousseau destacou-se dos pensadores do seu tempo por colocar a razão e o sentimento ao mesmo nível, exaltando “o respeito à natureza e a beleza da simplicidade da vida” (Santos, 2013,

p.4). Não deixa, contudo, de ser um verdadeiro pensador moderno, que vê na individualidade humana a sua autenticidade, por oposição à falsidade e artificialidade da sociedade da época. Como refere Almir Paulo dos Santos, retomando as palavras de estudiosos anteriores, Rousseau defendia arduamente a ideia de a “cegueira do homem no meio de tantas luzes” tem de ser evitada retirando-se para a natureza (Santos, 2016, p.898).

Deste modo é ele quem introduz na pedagogia a ideia de que a educação deve centrar-se na criança, nas suas necessidades ao longo do crescimento físico e intelectual. É preciso dar autonomia e liberdade ao jovem para que este se desenvolva ao seu próprio ritmo, como tão bem nos demonstra nos diálogos e conselhos dados a Emílio ao longo da obra homónima. O autor lamentava que os seres humanos, tendo nascido livres e iguais, se deixassem, depois, acorrentar pela sociedade, pela propriedade privada, que aumentava exponencialmente o fosso entre ricos e pobres, tornando-se o cerne da desigualdade social. (Santos, 2013). Para ele, o regresso à natureza seria uma forma de purificar o Homem, fazê-lo voltar às origens e permitir a sua transformação para melhor.

Sabe-se que Rousseau se opunha veementemente à ideia secular de que o homem é por natureza mau e que só uma educação rígida poderia destruir o *pecado original*. Pelo contrário, na sua obra *Emílio ou Da Educação*, cria um tratado pedagógico revolucionário, com premissas que ainda mantêm atualidade no sistema educativo do século XXI. Defende que o ser humano nasce bom, mas acaba por deixar-se corromper por uma sociedade desigual e falsamente moralista. Por isso, preconiza o uso de métodos sensitivos, intuitivos e ativos, para que a aprendizagem se torne efetiva, ao “mobilizar o interesse da criança, promovendo a revolução da educação, das instituições e dos costumes”. (Cardoso, 2022, p. 85).

Em *Emílio ou Da Educação*, nota-se uma perspetiva diretamente ligada ao exercício da liberdade como forma de devolver o Homem à natureza. Numa primeira fase, dá-se tempo para que a criança se descubra a si própria, desenvolva a sua sensibilidade, em comunhão com a natureza e o mais próximo possível da sua mãe, que lhe protege “o coração do vício e a mente do erro” (Cardoso, 2022, p. 89). Só assim o jovem poderá mais tarde interagir com o mundo. Na obra, o próprio autor surge como mestre do pequeno Emílio, mas apresenta-se como um ser secundário, que tem por dever estar atento ao desenvolvimento e às necessidades da criança, ajudando-a estruturar o seu próprio saber. Mais tarde, já na fase adulta, todo este caminho levará a que o jovem se torne “completo e sensível para a vida social (...) capaz de compreender a prática da vida do Contrato Social” (Cardoso, 2022, p. 91).

Para o autor, o tempo da infância é muito curto, deve ser aproveitado em toda a sua autenticidade e diversidade. Mas tal não quer dizer que Rousseau possa ser rotulado de “ingénuo em relação ao poder emancipador da razão” (Santos, 2016, 89). Nem podemos considerá-lo como um radical que defende a teoria do *bom rebelde*, em que o homem deve fugir da sociedade e voltar costas ao mundo urbano. Nota-se, claramente, na obra de que temos falado, como noutras publicadas pelo autor, que a natureza serve como espaço de desenvolvimento para a criança, onde ela amadurece todas as suas potencialidades físicas e racionais para, na idade adulta, poder usá-las sabiamente na vida pública. A natureza é pois, uma espécie de “voz interna, (...) conectando entre si os conceitos de consciência, entendimento, (...) autenticidade e personalidade própria”. (Santos, 2016, 899).

O objetivo máximo desta educação é transformar Emílio (que representa todas as crianças) num bom cidadão, capaz de exercer a sua soberania, num estado democrático e laico, com leis justas e igualitárias, como Rousseau defende noutras obras, que nos dariam para muitas páginas de debate.

Das críticas à modernidade da obra

Neste artigo, interessa-nos demonstrar a genialidade de Rousseau enquanto pedagogo iluminista, não esquecendo que com o escrutínio vêm também as críticas, das quais ele não esteve isento, como já tivemos oportunidade de referir brevemente. Uma das principais lacunas que é apontada à sua pedagogia é o facto de teorizar “a respeito da educação sem se preocupar com a sua institucionalização (Alves, 2019, p. 169). Quer isto dizer que apesar de identificar o que estava errado na pedagogia da sua época, não procurou encontrar consensos. Acusam-no de querer romper com a sociedade e a política, para “gerar um cenário oportuno para a formação do homem natural sem qualquer interferência externa” (Alves, 2019, 169). Muitos o acusam igualmente de utopismo e inclusive de se ver como senhor da verdade, não aceitando sugestões dos seus pares e acabando por se afastar dos outros pensadores da época das luzes.

Não podemos negar que há, nas suas obras, e em especial em *Emílio ou Da Educação*, uma parte de fantasia. Mas é exatamente aí que podemos encontrar os verdadeiros paradoxos que norteiam a vida real. (Paiva, 2010). É pela superação dos conflitos interiores, da dicotomia natureza / sociedade, que Rousseau se destaca na teorização pedagógica moderna. De facto, não existe dualidade neste autor, pelo contrário, encontramos uma verdadeira unidade: à dimensão humana, natural, acrescenta-se, com a chegada da vida adulta, a de cidadão esclarecido, iluminado.

Outro traço de modernidade é, sem dúvida, a crítica ao conceito tradicional de infância, como já explorámos. “O iluminismo pedagógico de Rousseau torna-se responsável pela formulação de um novo conceito de infância.” (Dalbosco, s/d, 15). Ao tratar a criança como tal, o pedagogo irá esforçar-se por entrar no seu mundo, estar atento às suas necessidades e ao seu ritmo natural de aprendizagem. Haverá maior rutura com a pedagogia tradicional? E não será este um dos grandes legados que o pensador suíço nos deixou? Ele foi o responsável por trazer a criança para o centro da discussão educativa, de forma a mostrar, com o seu Emílio, todas as etapas pelas quais o Homem tem de passar

até atingir a maturidade física, psicológica e social. Então, segundo ele “pelo respeito dos estágios de formação e pela valorização de cada período da vida, a melhoria social deixaria de ser uma utopia (...) o caminho escolhido pelo autor (...) foi o da educação. (Alves, 2019, 174).

Ao pensarmos nos documentos orientadores do sistema educativo atual, não encontramos aí nuances das ideias defendidas por Rousseau no seu tempo? A centralidade do aluno no processo de ensino - aprendizagem ou a necessidade de adaptação aos diferentes estágios do desenvolvimento da criança, tão em voga na atualidade, vêm já dessa época.

CONCLUSÃO

Depois de todas as considerações tecidas, podemos terminar este artigo retendo duas questões fundamentais.

Em primeiro lugar, é inegável a forma como a pedagogia iluminista marcou o mundo ocidental, trazendo ideias da revolução francesa (liberdade, igualdade e fraternidade) para a tábua de guerra das preocupações educativas. É o século das luzes porque pretende *iluminar* o Homem, mostrar-lhe que é pela razão, pelo pensamento e pela experiência que se adquire o conhecimento e que, através deste irá exercer o seu papel na sociedade.

Em segundo lugar, é o próprio Rousseau que estabelece esta “relação entre educação e política” (Silva, 2018, 11), mostrou que só uma revolução educativa poderia levar à mudança moral, social e, também política, colocando a criança no centro de todo o debate pedagógico do seu tempo. É verdade que é por vezes acusado de ideias radicais, mal interpretadas ou até ingénuas, mas não é menos certo que podemos nomeá-lo como um dos pais da pedagogia moderna, com ideias hoje em dia resgatadas, melhoradas e usadas como base do sistema educativo português. Ao defender estas ideias temos “um Rousseau que, ao mesmo tempo que se insere em sua época, se estende para um antes e um depois...” (Neto, 2023, 81), e terminamos com uma citação interessante, que revela toda a complexidade do pensamento deste filósofo setecentista, impossível de resumir nestas páginas: “...se trata de um mosaico de ideias e de um quebra-cabeças cuja montagem se vale de peças das mais diferentes matizes que se encontram espalhadas nos escritos e na vida desse controverso filósofo que inquietou toda a sociedade francesa e europeia do seu tempo (Paiva, 2010, 1).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abbagnano, N. (1981). *História da pedagogia*. Livros Horizonte.

Alves, J. (2019). A pedagogia de Rousseau e sua crítica à educação na França do século XVIII. *Olhares: Revista do Departamento de Educação da UNIFESP*, 166–177.

Cardoso, D. (2022). Ideias do século das luzes: A educação rousseuniana como projecto iluminista. *Revista Filosofia e Educação*, 14(2), 73–95.

Dalbosco, C. (s.d.). *O iluminismo pedagógico de Rousseau*.

<http://rousseaustudies.free.fr/articleailluminismopedagogico.pdf>

Neto, M. (2023). *Educação e liberdade em Jean-Jacques Rousseau*. Editora Edfika.

Paiva, W. (2010). Homem e cidadão na obra pedagógica de Rousseau. *Revista Estudos Filosóficos*, (4), 97–118.

Santos, A. (2016). Educação “pelas coisas”: Princípio pedagógico no iluminismo de Rousseau. *Educação (Porto Alegre)*, 39(n.º especial), S96–S105.

Santos, M. (2013). A pedagogia filosófica do movimento iluminista no século XVIII e suas repercussões na educação escolar contemporânea: Uma abordagem histórica. *Imagens da Educação*, 3(2), 1–13.

Silva, A. (2018). As ideias pedagógicas de Rousseau e Pestalozzi: Apontamentos sobre o projecto de masculinidade iluminista. *Teoria e Prática da Educação*, 21(1), 53–66.